

Descartes: uma questão de método

Descartes: a matter of method

Gabrielle Bezerra Sales¹



Resumo

Esse artigo busca, através do referencial cartesiano, compreender a fundamentação das ciências humanas no século XVIII, analisando a perspectiva essencialista somada ao matematismo da época.

Palavras-chave: **Descartes. Método**

That article seeks through the Cartesian referential, to understand the foundation of the humanities in the century XVIII, analyzing the essentialist perspective added to the mathematics of the time.

Keywords: **Descartes. Method.**

Introdução

Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências. Meditações, I: abertura.

Certeza – René Descartes poderia ser, resumidamente, ancorado nesta palavra para traduzir toda a sua trajetória, pois é exatamente em busca da verdade, ou, mais precisamente, é a crença na possibilidade de uma verdade que veremos todos os seus esforços no sentido de uma construção teórica.

Nascido em 31 de março de 1596, na cidade de La Haye, a aproximadamente 50 quilômetros do sul de Tours, Descartes foi o quarto filho de uma família abastada. Seu pai, Joachim, era juiz da Alta Corte de

Bretanha e sua mãe morreu de parto no ano posterior ao seu nascimento.

Após esse acontecimento trágico, o jovem foi criado por seus avós e teve o que se pode considerar de infância solitária. Tornou-se, portanto, enigmático e até mesmo sorumbático.

Aos oito anos, foi enviado como interno a um colégio jesuíta onde ocupava suas horas com uma educação destinada aos nobres locais, consistindo, além de outras coisas, em lições de esgrima, flauta e equitação. Apesar das facilidades obtidas no internato, devido ao prestígio familiar, René guardará uma imagem negativa dos ensinamentos.

Na realidade, tudo lhe parecia bobagem. Aristóteles requeitado ao sabor dos alinhavos escolásticos parecia um emaranhado metafísico sem a menor serventia. Enquanto isso, a matemática se mostrava capaz de proporcionar apenas certezas impessoais.

Frequentou o curso de Direito na Universidade de Poitiers por dois anos, quando decidiu que já havia esgotado completamente o seu interesse na carreira jurídica, idealizada por seu pai. Nessa época, havia tomado posse de algumas propriedades rurais herdadas

¹ Gabrielle Bezerra Sales é doutoranda em Direito pela Johann Wolfgang Goethe Universität Frankfurt am Main, JWG, Alemanha. Professora da Faculdade Integrada do Ceará, FIC, Brasil e Faculdade Christus, FC, Brasil. E-mail: gabriellelinhares@hotmail.com

de sua mãe e assim é que partiu para Paris, a fim de se dedicar a suas idéias e reflexões.

Após uma vida desregrada e boêmia, ele se dedicou a duas práticas que lhes seriam características: as viagens e o isolamento.

Durante o período em que serviu junto ao exército holandês, Descartes teve a oportunidade de travar conhecimento com aquele que pode ser considerado o responsável pelo ressurgimento do interesse dele pela matemática e pela filosofia, o filósofo e matemático Isaac Beekman. Os dois se tornaram amigos e é o próprio Descartes que afirma: “Eu estava dormindo até que você me acordou”.

A situação no continente europeu não era simples, já mergulhando no conflito que posteriormente ficou conhecido como Guerra dos Trinta Anos.

Segundo Paul Strathern,

Não se pode deixar de suspeitar que esse permanente quadro de incerteza política, conjugado a suas inseguranças psicológicas, tenha, de certa maneira, contribuído, para a profunda necessidade interna de certeza que iria caracterizar toda a sua filosofia (1997).

Nesta atmosfera, encontraremos René contaminado pela necessidade de construção de um sistema teórico que viesse a solucionar o paradoxo que ele detectava no conhecimento de outrora: o que era certo era inútil, assim como o que era útil era incerto.

Em 1619, influenciado pelo misticismo racional dos Rosa-cruzes, teve três sonhos reveladores. E, desta forma, reconheceu a existência de uma relação fundamental entre as leis da natureza e as leis matemáticas, concluindo que ele seria o único capacitado para reviver os ideais pitagóricos de desvelar a alma do mundo, através do estudo dos números, e construir a via de acesso ao conhecimento puro e verdadeiro a respeito da realidade. Nasce o projeto de uma *mathesis universalis*.

Foucault afirma que ocorre o projeto de uma *mathesis universalis* quando se trata de ordenar as naturezas simples, utilizando a álgebra como método universal. Afirma ainda que tal projeto vem acompanhado de taxinomia, ou seja, a classificação de naturezas complexas, instaurando um sistema de signos.

De fato, é essencialmente caracterizadora da Idade Moderna essa tentativa de criação de uma episteme universal. Tal tentativa se refere a uma espécie de prometeísmo que se instaurou como reação

ao obscurecimento medieval, estabelecendo no homem uma nova forma de encarar o mundo, ou seja, tomando-o como senhor da história.

Ivan Domingues, em seu “Grau Zero do Conhecimento”, nos mostra que “o projeto de uma *mathesis universalis* (...) em sua generalidade aplica-se indistintamente às ordens qualitativas e quantitativas porque associa a matemática à metafísica. Por um lado, o matematismo de estrita observância, que quer que a verdade do discurso nasça do jogo dos conceitos no interior do discurso em sua discursividade e nele encontre o *index* da verdade ou sua medida: a prova demonstrativa. Por outro, uma ontologia ‘a priori’ dos princípios, que quer que a verdade do discurso conte como a verdade da coisa”.

Neste sentido, depreende-se que a episteme do século XII pode ser definida pelo matematismo e mecanicismo. Daí é que a atitude interiorista ou essencialista passou a ser vertente dominante e consiste em buscar a essência dos objetos que é a parte intrínseca aos seres, da qual não se pode prescindir.

Inaugurando essa atitude diante do entorno, René Descartes procurará, através do enlace entre a matemática e a metafísica, criar um método de descoberta que resultará no seu *Discurso sobre o Método* ou *Discurso do método para bem conduzir a razão e procurar a verdade nas ciências*.

O Discurso, apesar de ser a sua obra-prima, limitava-se a um apanhado da metafísica cartesiana. Escrito em francês, dirigia-se a um público amplo. As Meditações tratavam da metafísica cartesiana e, muito embora não se possa distinguir totalmente a sua física da metafísica, eram destinadas aos teólogos e aos filósofos. Já os Princípios são uma espécie de explanação geral de sua filosofia. Eram escritos em latim e divididos em quatro partes (1ª parte: sobre os princípios do conhecimento humano; 2ª parte: sobre os princípios das coisas materiais; 3ª parte: sobre o mundo; 4ª parte: sobre a terra) e destinavam-se aos estudantes.

A filosofia cartesiana se insere na tradição aristotélica de uma ciência teórica e, concomitantemente, se aproxima da Enciclopédia, do positivismo, do marxismo e do pragmatismo, enquanto forma uma ética e busca a transformação do real.

Para Descartes, a filosofia era “como uma árvore, cujas raízes são a metafísica, o tronco é a física, e os galhos que saem deste tronco são todas as outras ciências, que se reduzem a três principais, a saber, a medicina, a mecânica e a moral”.

Em 1627, exortado pelo cardeal de Bérulle, dedica-se integralmente à filosofia, sugerindo a possibilidade de uma verdade que escapasse da corrosão cética.

Então, entronizará a dúvida como método e firmará a idéia de que nada pode ser considerado verdadeiro até que possa encontrar as evidências. A evidência, isto é, aquilo sobre o qual não se pode duvidar, seria alcançada através da intuição e da dedução. Definia intuição como “a concepção inequívoca de um espírito claro e formado exclusivamente pela luz da razão”, e dedução como “a necessária inferência a partir de outros fatos tidos como certos”.

A segunda e a terceira regras do discurso do método consistem em reconhecer na análise e na síntese a dinâmica do conhecimento. O primeiro passo, portanto, é o da aplicação da dúvida metódica.

A dúvida, em Descartes, ganha contornos diferenciados, pois, para ele, o ato de duvidar já consolida a primeira verdade sobre a qual será erigido seu pensamento. De fato, posso duvidar de tudo, até de mim mesmo, todavia jamais duvidarei de que duvido, e o ato de duvidar se realiza através do pensamento. A verdade basilar é, indiscutivelmente, a existência do sujeito pensante.

Para Descartes, existem três razões que justificam a dúvida. A primeira delas repousa na *falácia dos sentidos*. Para ele, os sentidos nos fazem conhecer os objetos apenas na relação que eles mantêm conosco, maculando a noção de verdade. Descartes afirma que “nossos sentidos nos ensinam a natureza das coisas, mas somente aquilo em que elas nos são úteis ou prejudiciais”.

A segunda razão baseia-se na impossibilidade de distinção entre a vigília e o sono. Tal Calderón de La Barca, em sua “vida é sonho”, Descartes percebia no sonho uma coerência e lucidez que tornavam a realidade algo difícil de ser definido, já que não se distinguia da irrealidade.

A terceira razão, apontada por ele, era a hipótese da existência de um gênio ou espírito maligno que provocasse os equívocos permanentes em meu entendimento, ocultando a realidade.

Frente a esses obstáculos de captação da verdade, Descartes proporá a necessidade de se duvidar uma única vez, objetivando assentar os conhecimentos em bases sólidas, numa evidência.

O surgimento do cogito cartesiano se sobrepõe àqueles que duvidavam sistematicamente, assim

como àqueles que objetaram ao “penso, logo existo”, julgando ser possível expor: respiro, logo existo; ou ainda, canto, logo existo.

É impossível propor esta leitura como verdadeira, já que nem a respiração, muita menos a cantoria, resiste à dúvida metódica. Observa-se que, na realidade, só através do pensamento é que a existência do sujeito é assegurada e torna-se passível de comprovação.

Nas Meditações, Descartes diz: “só posso me conhecer como uma coisa que pensa, isto é, uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que também imagina e sente”.

Assim é que, a partir do cogito e, portanto, da existência real do sujeito pensante, estabeleceu um critério de certeza derivado da dedução. Os dois elementos da certeza são: o pensamento como atividade e as idéias, classificadas em adventícias, factícias e inatas.

“Dou geralmente o nome de idéia a tudo o que está no nosso espírito, quando concebemos uma coisa, de qualquer modo que a concebemos”.

As idéias não são nem verdadeiras nem falsas. Elas podem ser vistas apenas como representações ou imagens das coisas. O erro comum é tomá-las por verdadeiras, conformes as coisas que não estão dentro do sujeito pensante.

Os erros são derivados da extensão da vontade em relação ao entendimento. Daí é que ela, à vontade, se estende às coisas desconhecidas, perdendo a capacidade do discernimento e tomando o mal pelo bem, resultando no engano.

As idéias adventícias são aquelas que parecem provir da experiência externa. Parecem porque, a partir da dúvida metódica, ainda não se pode ter certeza da existência de uma realidade exterior ao sujeito.

Idéias fictícias são aquelas construídas pela mente a partir de outras idéias. Exemplo: *pégasus*.

Já as idéias inatas não são construídas pelo sujeito nem a partir da exterioridade. Elas partem da percepção do cogito. Exemplos: a idéia de existência e a idéia de pensamento. O que é inato é a capacidade de formá-las, o espírito, a razão.

Para Georges Pascal, “o que justifica que se fale de idéias inatas é o fato de que, quando formamos as idéias, elas nos parecem tão familiares que temos o sentimento de que preexistam em nós”.

As idéias inatas têm na existência de Deus o seu pressuposto, na idéia de infinito.

Descartes coloca que a existência de Deus pode

ser demonstrada a partir da idéia de Deus que não é nem uma idéia adventícia, muito menos será uma idéia fictícia, restando as idéias inatas.

Propõe, então, três provas da existência de Deus: pela existência no sujeito da idéia de perfeição, pela existência do sujeito na medida em que possui a idéia do perfeito e pela essência da idéia de perfeição.

Inferimos que o processo analítico cartesiano vai do cogito à existência de Deus como forma de fundamentar a ciência moderna. A existência do mundo é demonstrada a partir da existência de Deus: visto que Deus existe e é infinitamente bom e veraz, não pode permitir que me engane ao crer que o mundo existe; logo, o mundo existe”.Aliás, não se pode negar que Deus é, indiscutivelmente, uma deusa: a deusa Razão.

Referências

DOMINGUES, Ivan. **O grau do conhecimento: o problema da fundamentação das ciências humanas**. São Paulo: Loyola, 1991.

PASCAL, Georges. **Descartes**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ROSENFELD, Denis Lerrer. **Descartes e as peripécias da razão**. São Paulo: Iluminuras, 1996.

STRATHERN, Paul. **Descartes em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.